

A solução da crise na realidade planetária

Israel Klabin

O enfoque não está nas soluções para os diversos pontos críticos do projeto brasileiro e do processo de desenvolvimento do país, mas a conceituação do problema em si, que implica numa visão extremamente abrangente da realidade planetária, em primeiro lugar, e, segundo lugar, da realidade brasileira quando inserida nessa realidade planetária.

Tudo indica que os projetos ideológicos entraram em falência definitiva, em termos globais, e, se isto é verdade, nós temos projetos nacionais que, pouco a pouco, vão absorvendo aquilo que de real, autêntico e permanente tem na apresentação dos diversos sistemas políticos, econômicos e sociais que aí estão.

Nós todos fomos criados no berço do século XVIII. Esse berço indica que as realidades básicas da nossa área que é preponderante hoje, em termos globais, no mundo, ou seja: o ocidente — por mais que nós queiramos olhar o oriente como o berço de outro tipo de projeto de igual qualidade que o ocidental, nos continuamos como valores os oriundos do fundo do Mediterrâneo.

Temos, pois, que nos reportar aos valores helênicos, grecoromanos, judaicos que criaram um contexto de valores e princípios dentro dos quais nós vivemos ou morremos e que nos dão a própria razão de ser e de criação dos projetos intermediários, passando pelos enciclopedistas franceses, base de nossa cultura europeia — inclusive os conceitos formais de um humanismo machista, por um lado, e de um projeto de liberdades globais, por nós adotados, especialmente no hemisfério norte, nos Estados Unidos, de meados do século passado até hoje.

Esse enfoque histórico de um projeto de desenvolvimento de valores e não de sistemas é aquele que acho que devemos nos dirigir para saber qual o problema e, portanto, as consequências desse problema em termos da oferta de soluções que aí estão. Isso parece um tanto complicado, mas é bem mais simples do que falarmos em inflação, dívida externa, redistribuição de riquezas ou projetos de conotação social. O importante, me parece, é voltarmos a nos preocupar com o equacionamento desse esquemas de valores e princípios.

Vamos, feito isso, setorializar aquilo que nos preocupa. Para sermos práticos, jogar o problema na mesa implica, obviamente, uma resposta à angústia fundamental: qual o sistema que nos convém? Resposta: Sem dúvida alguma o Capitalismo, em termos de conceituação básica, e isto significa que seja ele em termos de marxismo ou de Adam Smith. Em suma: um projeto de acumulação de riquezas.

Pois, esse capitalismo não está esgotado. Muito pelo contrário, acredito que esteja se iniciando em termos de projeto, sobretudo nos poucos países macro ainda existentes no mundo, como o Brasil.

Se nós olharmos o imenso sucesso japonês, vemos isso. Se nós olharmos o imenso sucesso brasileiro na década de 70, nós vemos isso. Se nós olharmos a própria crise conceitual americana nós vemos aqueles tremores sísmicos necessários ao próprio projeto capitalista americano para se reequipar, esgotada uma fase e para passar a uma fase superior. Assim, não vejo tanto essa dicotomia que aflige tanto o empresariado brasileiro, o paradoxo absoluto entre capitalismo de Estado e o capitalismo privado.

Acho, até, que poderemos caminhar para um modelo de fora do Brasil, que se aproxime do modelo brasileiro. O modelo brasileiro de intervenção do Estado precisa ser limpo, mas é válido. A associação privado-Estado é válida. Acho que num país em processo de capitalização crescente os instrumentos econômicos capitalistas precisam ser escoimados dos erros de origem, mas, fundamentalmente, vão representar um produto de exportação. Talvez os Estados Unidos acabarão sendo obrigados a nos copiar. E, por mais que isso parece estranho, essa é uma das opções nos gargalos críticos do sistema.

Nota-se desde já que as soluções multinacionais de acumulação de riquezas, de uma certa forma esgotaram-se, tendo em vista a inter-relação entre o tecnológico, a velocidade de aquisição de hábitos de consumo e a implementação do projeto comercial dessa mesma tecnologia dentro de um conceito macro. Exemplo: os japoneses hoje estão seguramente à frente dos norte-americanos em vários itens que por décadas e décadas foram dominados pelo comércio internacional dos Estados Unidos.

A transferência dos centros de produção e a modificação do contexto de produção das multinacionais em termos de melhoria de acesso aos mercados através do aproveitamento das mais-valias dos custos dos diversos mercados regionais — como, mão-de-obra mais barata, matéria-prima mais barata, transporte mais barato etc. — é um modelo esgotado. Por mais que se fale em termos de livre comércio ninguém mais acredita. Nem o GATT acredita mais que não existam maneiras diretas ou indiretas de subsídio aos diversos itens de exportação. O Japão, por exemplo, subsidia a sua exportação através da equalização e eventualmente da eliminação dos custos de fretes.

Os Estados Unidos têm sistemas diretos ou indiretos de benefícios que implicam obviamente num acesso ao seu sistema de produção, a outros mercados. Nós já estamos nos agilizando nesse sentido e aí vem o terceiro ponto, ou ponto adicional da maior importância para o país: o paradoxo óbvio em termos de política externa do Brasil. O Brasil, hoje, não tem uma política externa consentânea com os seus interesses mais legítimos.

Nós temos uma política externa terceiromundista, quando o nosso mercado externo é o mundo desenvolvido, temos uma política externa relativamente isolacionista, quando o nosso comércio é expansionista e agressivo; nós temos uma política externa assentada numa semi-ideologia terceiromundista, quando, obviamente, tanto os nossos agentes quanto os nossos projetos básicos são de um país desenvolvido, atualizado e participante do primeiro mundo. Pode-se perguntar a qualquer homem do Governo, a qualquer empresário ou a qualquer centro de conscientização nacional e terá como resposta que, obviamente, a opção é de que o Brasil se transforme num país do primeiro mundo.

De uma maneira ou de outra, os diversos segmentos da sociedade — sejam eles Governo, acadêmico, empresarial e, mesmo, de trabalho — não têm mais dúvida quanto à viabilidade do modelo econômico brasileiro em termos de liberdade. O projeto socialista no Brasil somente poderá vingar se houver uma erupção de eridicência nacionalista-esquerdista. De outra forma, se o país tiver mais 10 anos de desenvolvimento, a consolidação da opção capitalista brasileira será definitiva em termos históricos.

Portanto, Estamos jogando uma cartada muito séria neste momento. E verificar a viabilidade de um projeto capitalista com todas as modalidades de modernização que nele possam ser inseridos é um projeto humanístico-liberal que, em suma, seja a vitória do diálogo proposto ao país pela chamada abertura. Não tenho a menor dúvida de que, dependendo das lideranças que estão se formando agora, o Brasil passará a ocupar uma posição única no planeta, se possível. Daí, chamar a atenção para o momento, que considero da maior gravidade: a escolha de uma estagnação desordenada — socialismo está fora de questão — ou a escolha da continuidade de um projeto de apropriação econômica, política e social, que é aquilo em que nós hoje acreditamos.

Em suma, acho que temos boas razões para estarmos otimistas. Porém, temos mais razões ainda para estarmos vigilantes.